

Dívida externa é controlável

Domenick Dipasquale,
da Agência USIS

Washington — O presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) disse que não via nada que revelasse a disposição dos países latino-americanos a não cumprir plenamente as suas obrigações para com a dívida externa, a despeito de terem certas nações indicado que não pagarão os juros de acordo com o programa.

«Até agora, todos os países latino-americanos cumpriram suas obrigações» — declarou Antônio Ortiz Mena aos jornalistas, em entrevista coletiva com a imprensa. Segundo Ortiz Mena, duas nações, Argentina e Venezuela, deverão logo iniciar ou reiniciar as negociações sobre os problemas de suas dívidas. Disse que tais conversações poderão ser «uma demora, não uma recusa», no atendimento do pagamento dos juros de suas dívidas externas.

Observou Ortiz Mena que ambos os países elegeram nas últimas semanas novos governos, que estão atualmente avaliando os problemas econômicos nacionais. Acrescentou que, tendo-se em vista suas fortes reservas financeiras, as duas nações, especialmente a Venezuela, têm «uma oportunidade muito boa para negociações».

Disse o presidente do BID que a Argentina já iniciou conversações com o Fundo Monetário Internacional (FMI), enquanto a Venezuela tenta chegar a um entendimento com a comunidade bancária estrangeira fora do canal do FMI.

Quando se lhe perguntou se havia a possibilidade de criar-se um «cartel de dívidas», Ortiz Mena respondeu: «Isto não é viável. Ninguém na América Latina está pensando nisto».

A política de ajuste econômico seguida por muitas nações latino-americanas, numa tentativa para cumprir as suas obrigações com a dívida externa, criou uma situação «muito delicada» para esses mesmos países — disse Ortiz Mena.

«Durante os dois últimos anos, 1982 e 1983, a região transformou-se num exportador de capital, e isto não pode ser sustentado por muito tempo» — explicou. «A América Latina precisa de capital adicional para continuar o seu desenvolvimento».

Para ajudar a prover de tal capital a América Latina — declarou Ortiz Mena —, o BID está exigindo hoje dos países que recebem seus empréstimos para projetos de desenvolvimento econômico menos moeda local.

Outra medida é a criação de uma Corporação Financeira Interamericana, que manterá negócios com empresas privadas na América Latina, concedendo-lhes empréstimos e capital social. O BID espera fundar a Corporação ainda em 1984, e, dependendo da aprovação dos países membros, colocá-la em funcionamento até o fim do ano.

A Corporação Financeira Interamericana será importante tópico de discussão na XXV Reunião Anual da Junta de Governadores do BID, que começa, a 26 de março, em Punta del Este, Uruguai.

Disse Ortiz Mena que o BID, o FMI e o Banco Mundial estiveram consultando as nações centro-americanas sobre a preparação de uma lista de projetos em condições de receber o financiamento da comunidade internacional e das instituições financeiras internacionais. A lista foi apresentada às nações industriais e será discutida na reunião de Punta del Este.

No futuro — declarou o presidente do BID —, a parte maior do capital de desenvolvimento para a América Latina poderá chegar, não mediante empréstimos, mas por meio do investimento estrangeiro na região.

Um jornalista quis saber que impacto poderiam ter sobre o crescimento econômico da América Latina as continuas medidas de austeridade na região. Ortiz Mena respondeu que as consequências disto também poderiam ser sentidas pelo mundo desenvolvido.

«Há uma interdependência entre os mundos desenvolvido e em desenvolvimento» — declarou —. «O volume do comércio entre eles vem aumentando, e uma retração no mundo em desenvolvimento terá importante efeito sobre o comércio dos países industriais... É do interesse dos dois mundos manter o desenvolvimento em bom nível, em nível razoável, nos países que se encontram em fase de desenvolvimento».